



O ENSINO DE HISTÓRIA DA ÁFRICA E A PRÁTICA ESCOLAR

MARCELA MORAES GOMES¹

Resumo: O ensino de História da África e da cultura afro-brasileira partiu de demandas sociais do movimento negro e da historiografia, tendo como importante resultado a lei 10.639/03. Com a visão de Ki-Zerbo ressaltando que a "África tem história" e com a ampliação dos estudos africanos, sobretudo das fontes orais, o continente passou a ser revisitado através de um olhar não eurocêntrico e estereotipado. A partir daí, o presente trabalho busca refletir sobre como o tema pode ser abordado em sala de aula. Através da análise sobre alteridade torna-se possível pensar a diversidade da sociedade brasileira e a escola como múltipla. Para além de combater os "essencialismos culturais" como destacou Stuart Hall, percebendo a heterogeneidade da África e dos africanos trazidos para o Brasil torna-se importante dentro de sala de aula perceber a diáspora através da concepção africana, problematizando outros olhares sobre a África. Através da lei 10639/03 e das "Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e africana" é possível resgatar o protagonismo do negro na África e no Brasil como forma de combater o racismo e ressignificar o negro, através da ideia "tornar-se negro". Desta forma, o presente trabalho visa através de experiências e práticas escolares refletir sobre o ensino de História da África nas escolas para ampliar o debate sobre o ensino de História no Brasil. Sendo assim, pode-se utilizar em sala de aula diferentes recursos e fontes de representação do negro como também problematizar o livro didático para valorizar a diversidade na escola e combater a segregação e desigualdade em diferentes esferas, relativizando também a representação do negro na mídia e diversos lugares de memória. Logo, a apresentação visa apresentar parte do resultado dos debates realizados na pós-graduação em Ensino de História da África no Colégio Pedro II e ao mesmo tempo experiências e propostas docentes para a aplicação do tema nas salas de aula do ensino médio e fundamental e também propor a troca de experiências docentes sobre o tema e reafirmar a importância do mesmo para os estudos de História no Brasil.

Palavras-chave: Frente Negra Brasileira, Era Vargas, Ensino de História da África no Brasil.

¹ Discente do Programa de Pós-Graduação Lato Sensu em Ensino de História da África no Colégio Pedro II. Graduada em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Mestre em História, Política e Bens Culturais pelo CPDOC/FGV. Tutora de História na Fundação CEDERJ. *E-mail:* marmogo@gmail.com

I - Introdução:

O presente trabalho tem como tema a atuação da Frente Negra Brasileira (FNB) durante a Era Vargas (1930-1945) com o objetivo de pensar a agência dos negros na história do Brasil. A memória dos intelectuais negros que elaboraram propostas em diferentes espaços públicos, desde a educação até na esfera política contribui para a análise sobre a diversidade e os diferentes agentes da sociedade brasileira.

O foco do trabalho é articular a FNB com o ensino de História e as políticas culturais no governo Vargas, problematizando as leituras sobre intelectuais e a elite da época. A temática sobre a Frente Negra Brasileira pode ampliar tal análise e pensar as políticas públicas e culturais a partir de tal movimento político e social. O trabalho percorre pelo tema da memória e esquecimento de agentes e grupos ligados às políticas raciais e de integração do negro no projeto varguista. Com isso, pode-se pensar como tal abordagem pode ser incluída na sala de aula, ampliando o currículo tradicional sobre a Era Vargas.

A partir da historiografia sobre o tema torna-se possível elaborar hipóteses que podem ser incluídas no currículo escolar. A atuação da FNB pela integração do negro no período republicano através da oferta de educação pela alfabetização e pelo ensino para jovens e adultos e também das reivindicações pela representatividade política podem ser utilizadas para ampliar a visão dualista da política na Era Vargas (AIB e ANL). Além disso, também pode-se refletir sobre as limitações do projeto varguista em relação à cidadania e as demandas dos trabalhadores negros no período.

O trabalho consistirá na revisão bibliográfica sobre a temática da Frente Negra Brasileira. Além de propor em sala de aula a análise de documentos relacionados à FNB através o acervo sobre a imprensa negra organizado em plataforma online pela USP, especificamente o jornal “A voz da raça”, para pensar a atuação da mesma na Era Vargas. Desta forma, pode-se ampliar a análise sobre o período pensando a atuação dos negros e suas demandas sociais.²

II – A Diáspora africana e a memória dos negros no Brasil:

² O trabalho apresentado consiste no levantamento de fontes e bibliografia para a elaboração do trabalho final de monografia da Pós-Graduação em Ensino de História da África do Colégio Pedro II que encontra-se em andamento. A exposição das primeiras análises e reflexões tem como objetivo principal compartilhar o estudo realizado e o projeto que resultará no trabalho final.

Para iniciar o debate sobre a atuação da Frente Negra Brasileira é preciso pensar que o ensino de História da África e da cultura afro-brasileira articula-se com a questão da diáspora africana para o Brasil. A experiência do comércio de escravos foi responsável por transformações nas sociedades africanas, inclusive no impacto demográfico e com a participação dos chefes locais africanos devido às rivalidades entre os reinos. (CARVALHO, Flávia, 2009: 14) O conceito de diáspora aborda a história multicultural do Atlântico (África, Europa e América) e como salientou Stuart Hall, as identidades culturais são sempre posicionais e contextuais, híbridas e moventes, fazendo-se na diáspora. Portanto, a diáspora não significa propriamente a conservação de uma herança africana, mas os processos de “africanização das Américas”. (MENEZES, Lúcio, 2009: 268-269).

Segundo Lúcio Menezes³, a diáspora é definida como dispersão mundial dos povos africanos e de seus descendentes como consequência da escravidão e dos processos de imigração. Porém, também se refere às práticas cotidianas e aos processos de resistência dos escravos desde o navio negreiro. Além de contemplar as diversas experiências dos povos no continente americano, as histórias de resistência, as ações sociais e identidades culturais dos escravizados. Desta forma, o estudo arqueológico da diáspora permite delinear a diversidade das identidades culturais que os africanos forjaram na América⁴, e também representar a resistência em relação ao sistema escravista.

A partir de tais definições e interpretações sobre a diáspora africana no Brasil pode-se analisar as diferentes formas de resistência através da memória de tais agentes históricos remanescentes do sistema escravista durante a Era Vargas, sobretudo ao questionar a não integração do negro na sociedade brasileira após a abolição da escravidão. (FERNANDES, 1978)

O debate em relação à memória perpassa a questão do esquecimento. Ao considerar a memória enquanto política, isto é, fruto de escolhas, compreende-se que a exclusão da memória dos agentes históricos negros e suas demandas do currículo tradicional de História, antes da lei: 10639/03 acompanhava a não integração do mesmo na construção da memória da sociedade brasileira.

³ Op.Cit.

⁴ O título conferido ao Cais do Valongo, localizado na cidade do Rio de Janeiro, como patrimônio cultural da humanidade expressa não só a memória do desembarque de africanos, mas as identidades africanas que expressam a diversidade e complexidade das redes de sociabilidade estabelecidas não só no Brasil, mas também na América.

Segundo Pollak:

“a perspectiva que explora as relações entre memória e história, ao romper com uma visão determinista que elimina a liberdade dos homens, coloca em evidência a construção dos atores de sua própria identidade e reequaciona as relações entre passado e presente, reconhecendo que o passado é construído segundo as necessidades do presente e chamando a atenção para os usos políticos do passado”.

(Pollak, 1993 in FERREIRA, Marieta).

Desta forma, os estudos sobre a escravidão no Brasil a partir da década de 1980 destacaram a agência dos africanos escravizados nas relações de negociação e conflito com as elites senhoriais da época. A memória da resistência escrava e a percepção dos negros enquanto sujeitos históricos contribuem para a análise da formação da sociedade brasileira não só na experiência da escravidão, mas também na experiência republicana.

III – A Frente Negra Brasileira e o projeto varguista:

Tendo em vista o objetivo de pensar o papel da FNB durante a Era Vargas e de que forma tal análise problematiza o olhar tradicional a partir das elites no período, pretende-se nas próximas linhas relacionar a FNB com o projeto varguista e também pensar possibilidades de incluir o tema na aula sobre o período.

No contexto de política cultural da era Vargas é preciso refletir sobre os limites da proposta da inclusão do negro no projeto nação no Brasil. Com o objetivo de romper com a polarização política entre AIB e ANL, como pura reprodução das tensões europeias do período, torna-se fundamental ir além da versão tradicional dos livros didáticos. Portanto, pensar o lugar que a FNB ocupou na esfera política como partido e também como representante das principais demandas dos negros na época contribui para a ampliação do currículo escolar em decorrência da lei 10639/03. Para isso, é preciso localizar a FNB no contexto histórico da Era Vargas e apresentar suas principais demandas sociais e políticas.

A Frente Negra Brasileira foi criada em 1931 na cidade de São Paulo e extinta em 1937: formada por intelectuais e militantes negros e identificada como o primeiro momento do movimento negro no Brasil republicano. A FNB demonstra a continuidade das lutas dos trabalhadores negros marcados pelo recente passado escravista. Francisco Costa Santos foi

seu fundador e permaneceu na presidência da organização até 1933 quando assumiu Arlindo Veiga dos Santos (1934) e em seguida sucedido por Justiniano Costa (1937).⁵ (OLIVEIRA, Laiana de, 2002).

A atuação da FNB foi diversa e ampla, pois ao longo dos anos vários departamentos foram criados como: instrução e cultura, médico, imprensa, artes e ofício, dramático, jurídico e social, além de criar uma biblioteca e participar na organização de eventos. A FNB revelava os conflitos raciais no momento de substituição das teorias de branqueamento e do racismo científico, sobretudo pelo mito da democracia racial no contexto da década de 1930, momento de reorganização do Estado nacional. O posicionamento do movimento era não só para combater o preconceito racial, mas também superar as dificuldades decorrentes do passado escravista.

A autora Laiana de Oliveira considera a “revolução de 30” o incentivo político para a organização e estruturação da FNB, tendo em vista a mudança do governo e a recomposição das elites brasileiras. Também considera a industrialização em São Paulo como fator importante para a imigração, dificultando a não integração do negro, devido o reforço do racismo e a manutenção das estruturas no trabalho. Além disso, também considera o período de transição cultural com a publicação do livro “Casa Grande Senzala” de Gilberto Freyre e a discussão em torno do “racismo científico” e a valorização do “mestiço”, indo de encontro com o projeto varguista de união e o argumento da “democracia racial”.

A década de 1930 significou o rompimento com república oligárquica e foi marcada pelas tentativas de inclusão dos negros no debate político, tendo em vista o desamparo da população negra no período pós-abolicionista. Em 1934 a FNB lançou a ideia de negros como candidatos eleitorais como forma de ampliar a representatividade política. O movimento tornou-se oficialmente partido político com proporções nacionais em 1936, sendo extinta no ano seguinte em decorrência da consolidação do governo ditatorial do Estado Novo.

A FNB não era oposição ao governo de Vargas e o movimento aproximou-se com o nacionalismo e com o autoritarismo da época. Porém, é preciso considerar que a mesma é fruto de seu tempo, sendo importante localizar a FNB no contexto histórico do período. O movimento colocava a luta nacional em paralelo à luta racial, pois a FNB é considerada

⁵ Segundo Laiana de Oliveira (Op.Cit), a FNB foi formada pela “elite negra” de SP (classes médias). A autora utiliza em sua análise jornais como: A voz da raça, Clarim da Alvorada, A Chibata, O Progresso, além da autobiografia de José Correia Leite. Segundo a historiografia sobre a FNB, o movimento teve seu embrião na imprensa negra e no Centro Cívico Palmares.

representante do movimento negro da época, enquanto movimento político e de mobilização racial. Segundo (DOMINGUES, Petrônio, 2007: 105-106) o movimento negro ampliou-se com a FNB no ano de 1931 em São Paulo, porém é preciso ter em mente que, segundo o autor, a Frente não inaugurou o movimento negro, já que outras organizações anteriores haviam denunciado as demandas sociais dos negros. A FNB converteu o movimento negro em movimento de massa e se espalhou por vários estados como: Rio de Janeiro, Minas Gerais, Espírito Santo, Pernambuco, Rio Grande do Sul e Bahia.

A organização da FNB contou com a participação feminina através da Cruzada Feminina e as Rosas Negras. Apesar das limitações da época, sobretudo da participação política dos negros e mulheres e das restrições diante da exclusão social e racial, algumas demandas da FNB foram atendidas por Vargas como, por exemplo, a reivindicação pelo fim da proibição de negros na guarda civil em São Paulo.

A mobilização da Frente estendeu-se para diversas áreas, inclusive para a educação. Desde a criação do departamento de instrução e cultura, os componentes da FNB acreditavam que a ampliação da educação para os negros seria uma forma de eliminar o preconceito racial e integrar o negro na vida nacional através do curso de alfabetização e dos cursos de educação de jovens e adultos. Desta forma, acreditavam ser possível eliminar as desigualdades existentes desde a escravidão entre brancos e negros, garantindo o exercício da cidadania plena. (DOMINGUES, Petrônio, 2008: 518).

A partir das demandas sociais elaboradas pela FNB e apresentadas anteriormente, pode-se refletir sobre o lugar que os negros ocuparam no projeto nacional varguista. Como forma de ampliar a análise sobre a Era Vargas, a fim de romper com a bibliografia tradicional com foco nas elites intelectuais pode-se pensar a trajetória política da FNB através das principais demandas sociais do movimento. A problematização em torno da ampliação da cidadania com os avanços e recuos marcados durante o governo varguista pode ser ampliada através da localização das reivindicações dos negros por espaços e direitos no projeto varguista de Estado Nacional. A metodologia utilizada para relacionar a FNB com o período consiste na análise de jornais como “A voz da raça” que encontra-se na plataforma *online* sobre a imprensa negra organizado pela USP. A partir de trechos dos jornais os alunos podem perceber a agência dos negros no período varguista e identificar as principais reivindicações dos mesmos na ampliação da cidadania.

Como possibilidade de pensar o papel da disciplina da História no ensino de História da África e da cultura afro-brasileira torna-se importante pensar as práticas escolares a partir da diversidade na qual é composta a sociedade brasileira. Como reflexo das demandas sociais, inclusive através da lei: 10639/03, o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) elaborou na prova do ano de 2014 uma questão que abordava a Frente Negra Brasileira. Tal inclusão é fruto das demandas por representatividade na atualidade, mas também reflete a urgência de se reformular o currículo tradicional a fim de contemplar a diversidade cultural brasileira.

IV – Considerações finais:

Portanto, o objetivo do trabalho consistiu em apresentar a trajetória da Frente Negra Brasileira e relacioná-la com o contexto histórico da Era Vargas, refletindo sobre o lugar da memória e da agência dos negros em diferentes esferas, tanto política como educacionais. Desta forma, torna-se possível aplicar a lei: 10639/03, ampliando o currículo de História, incluindo a temática da memória e a reflexão sobre o esquecimento de agentes e grupos ligados às políticas raciais e de integração do negro no projeto varguista. Através de tais reflexões aplicadas na prática escolar pode-se não só estudar a trajetória dos negros no Brasil e suas reivindicações em prol da cidadania, mas também combater o racismo ainda presente nas relações étnico-raciais, pensando o papel da representatividade na esfera escolar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

I) Artigos em revistas acadêmicas (eletrônicas e impressas):

CARVALHO, Flávia Maria de. *Diáspora africana: travessia atlântica e identidades recriadas nos espaços coloniais*. Rio Grande do Norte: Revista de Humanidades da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. 11(27), 2009.

DOMINGUES, Petrônio. *Movimento Negro Brasileiro: alguns apontamentos históricos*. Revista TEMPO, v:12, n:23, 2007.

_____. *Um “templo de luz”: Frente Negra Brasileira (1931-1937) e a questão da educação*. Revista Brasileira de Educação, v:13, n:39, set/dez, 2008.

FERREIRA, Marieta de Moraes. *História do tempo presente: desafios*. Cultura Vozes, Petrópolis, v.94, nº 3, p.111-124, maio/jun., 2000.

LUCRÉCIO, Francisco. *Memória histórica: a Frente Negra Brasileira*. Revista de Cultura Vozes, Petrópolis, v. 83, n. 3, p. 332-342, maio/jun. 1989.

MENEZES, Lúcio Ferreira. *Sobre o conceito de arqueologia da diáspora africana*. Métis: História e cultura. V:8. N:16, jul-dez, 2009.

SEYFERTH, Giralda. *Racismo e o ideário da formação do povo no pensamento brasileiro*. Cadernos PENESB, n. 4, p. 13-32, 2002.

SILVA, Joselina da Silva *A União dos Homens de Cor: aspectos do movimento negro dos anos 40 e 50*. Rio de Janeiro. Estudos Afro-Asiáticos, ano 25, n. 2, 2003.

II) Livros (com títulos e/ou subtítulos):

ALBERTI, Verena (Org.) PEREIRA, Amilcar Araujo (Org.). *Histórias do movimento negro no Brasil: depoimentos ao CPDOC*. 2. ed. Rio de Janeiro: Pallas Editora, 2016. (2007).

BARBOSA, Márcio (Org.). *Frente Negra Brasileira: depoimentos*. São Paulo: Quilombo hoje, 1998.

DÁVILA, Jerry. *Diploma da brancura: política social e racial no Brasil – 1917-1945*. Trad. Claudia Sant'Ana Martins. São Paulo: Editora da UNESP, 2006.

FERNANDES, Floretan. *A integração do negro na sociedade de classes*. 1. v. 3. ed. São Paulo: Ática, 1978.

HOFBAUER, Andréas. *Uma história de branqueamento ou o negro em questão*. São Paulo: Editora da UNESP, 2006.

HUYSSSEN, Andreas. *Seduzidos pela memória*. Rio de Janeiro. Editora: Aeroplano, 2000.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. São Paulo. Editora UNICAMP, 1990.

PEREIRA, Amilcar Araujo. *'O Mundo Negro': relações raciais e a constituição do movimento negro contemporâneo no Brasil*. 1. ed. Rio de Janeiro: Pallas/FAPERJ, 2013.

ROSSI, Paolo. *O passado, a memória, o esquecimento*. São Paulo. Editora UNESP, 2010.

SANTOS, Joel Rufino dos. *“Movimento negro e crise brasileira”*: *Atrás do muro da noite; dinâmica das culturas afro-brasileiras*. In Joel Rufino dos Santos e Wilson do Nascimento Barbosa, Brasília, Ministério da Cultura/Fundação Cultural Palmares, 1994.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SKIDMORE, Thomas. *Preto no branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

TELLES, Edward. *Racismo à brasileira: uma nova perspectiva sociológica*. Rio de Janeiro, Relume Dumará-Fundação Ford, 2003.

III) Teses e dissertações:

DOMINGUES, Petrônio. *Insurgência de ébano: a história da Frente Negra Brasileira*. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

OLIVEIRA, Laiana de Oliveira. *A Frente Negra Brasileira: política e questão racial nos anos 1930*. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002.

SILVA, Joselina da Silva. *União dos homens de cor (UHC): uma rede do movimento social negro após o Estado Novo*. Rio de Janeiro, Tese de Doutorado, UERJ, 2005.

IV) Endereços eletrônicos:

- Jornal: “A voz da raça” (1933-1937). Disponível em:

<http://biton.uspnet.usp.br/imprensanegra/index.php/a-voz-da-raca/>